



Editorial

Medievalismos luso-tropicais, orientais e pós-luso-tropicais: Encruzilhadas da definição da Idade Média portuguesa como passado do Brasil

Pedro Martins e Maria de Lurdes Rosa

Práticas da História, n.º 10 (2020): 7-14

www.praticasdahistoria.pt

Esta revista é financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), I.P., no âmbito dos projetos UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 e LA/P/0132/2020.

Editorial

Medievalismos luso-tropicais, orientais e pós-luso-tropicais: encruzilhadas da definição da Idade Média portuguesa como passado do Brasil

Pedro Martins*

Maria de Lurdes Rosa**

Desde o seu terceiro número (2016), a revista *Práticas da História* tem dedicado especial atenção à questão dos usos e representações da Idade Média – aquilo que vários académicos têm denominado como medievalismo. Autores prolíficos neste campo como Richard Utz, David Matthews, Valentin Groebner, Andrew B. R. Elliott e Tommaso di Carpegna Falconieri têm feito desta publicação um palco para o debate de várias temáticas relacionadas com o medievalismo, desde os usos do passado medieval pelos nacionalismos europeus à relevância das representações da Idade Média na chamada “cultura popular” contemporânea. Contudo, o interesse pelo medievalismo não decorre apenas do âmbito temático desta publicação ou das preferências pessoais dos seus editores – ele tem, de facto, vindo a crescer. Desde a sua conceção

* Pedro Martins (pedromartins@fsh.unl.pt). Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 26 C, 1069-061, Lisboa.

** Maria de Lurdes Rosa (mlrosa@fsh.unl.pt). Departamento de História, Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 26 C, 1069-061, Lisboa.

teórica na década de 1970, os estudos sobre medievalismo têm levantado uma série de questões que se prendem não só com a própria problematização da ideia de “Idade Média”, mas também com as diversas interpretações sobre este período histórico que têm sido feitas desde que ele foi formulado.

Uma das questões que menos atenção têm recebido, embora recentes trabalhos acadêmicos venham a contrariar esta tendência, é a da relação do medievalismo com os contextos coloniais e pós-coloniais. Autores como John N. Ganim, Louise D’Arcens e Nadia Altschul têm indagado sobre esta relação, particularmente no que toca a temas como a proximidade entre medievalismo e “orientalismo” e a relevância do medievalismo em sociedades pós-coloniais como a Austrália ou os países latino-americanos. Esta reflexão tem mostrado, entre outros aspectos, a estreita imbricação entre a evocação da Idade Média e o avanço do imperialismo europeu, dobrado de valores alegadamente éticos, em campos tão pouco óbvios quanto a tal, como a conquista, a dominação, e a conversão das populações à religião cristã. Do ponto de vista das ciências sociais, a perspectiva medievalista trouxe também um enriquecimento: os estudos pós-coloniais foram interrogados nos seus simplismos relativos à Idade Média; o “orientalismo” foi dotado de um passado mais antigo e uma história mais complexa; o estudo da ideia de raça ganhou em profundidade histórica. Por fim, o estudo da constituição acadêmica e cultural da Idade Média enquanto momento fundador do passado europeu, para as nações oitocentistas, desenvolveu-se nos últimos anos numa não menos interessante direção – a forma como as colônias destas nações, e depois os países delas nascidos, inventaram também um passado medieval, através dele recusando as origens não europeias, pré-coloniais. Mesmo se nem sempre tal passado foi visto de forma positiva – como aconteceu em certos contextos brasileiros –, só muito recentemente (e parcialmente) ele começou a ser interrogado como (mais um) um passado imaginário, permitindo a integração dos povos nativos na história desses países.

Sentindo a falta de uma maior discussão destas questões e tendo em conta o lugar privilegiado que Portugal e o Brasil ocupam para uma

investigação colaborativa sobre este tema – que raramente é contemplado pelo medievalismo acadêmico atual, de matriz anglo-saxônica –, organizámos, numa parceria entre o Instituto de Estudos Medievais e o Instituto de História Contemporânea, dois eventos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O primeiro foi o seminário exploratório “Portugal como passado medieval do Brasil. Contextos culturais e políticos de um medievalismo luso-tropical”, realizado a 13 de abril de 2018. O segundo foi a conferência internacional “Medievalismos luso-tropicais, orientais e pós-luso-tropicais: Encruzilhadas da definição da Idade Média portuguesa como passado do Brasil. c.1850-c.1980”, que teve lugar nos dias 9 e 10 de maio de 2019. Embora com ambições diferentes, ambos os eventos procuraram fomentar o debate em torno do papel da Idade Média na construção de identidades luso-brasileiras, em particular focando-se na relevância das teses propostas por Gilberto Freyre (1900-1987) em torno da miscigenação como traço característico da cultura portuguesa – o chamado “lusotropicalismo”. Ambos os eventos tiveram uma forte adesão por parte de académicos portugueses e estrangeiros, particularmente brasileiros, que nos trouxeram alguns contributos para nós até então quase ou totalmente desconhecidos.

O presente número da revista *Práticas da História* contém um *dossier* dedicado precisamente à temática dos “medievalismos luso-tropicais, orientais e pós-luso-tropicais”. Este é composto por sete artigos cujas versões preliminares foram apresentadas nos dois eventos mencionados. O primeiro, da autoria do historiador Hilário Franco Júnior, questiona, em jeito de introdução, a exclusividade das origens medievais portuguesas da colonização do Brasil, ao fazer uma prospeção das restantes influências da Idade Média europeia no folheto *Viagem a São Saruê*, escrito pelo poeta e editor nordestino Manuel Camilo dos Santos. Entramos de seguida na secção do dossier mais especificamente dedicada à obra de Gilberto Freyre. Esta inicia-se com artigo de Marcos Cardão, que se debruça sobre a chamada “teoria luso-tropical”, nomeadamente no que toca às origens mistas da sociedade medieval portuguesa, partindo depois para uma reflexão sobre a importância,

nos escritos de Freyre, da categoria de “fronteira cultural” na emergência da sociedade brasileira. O segundo texto especificamente dedicado à obra deste intelectual brasileiro, da autoria de Pablo González-Velasco, foca-se nas heranças medievalistas e renascentistas do Freyre e compara-as com os discursos produzidos por autores contemporâneos que têm refletido sobre o alegado caráter excecional dos povos ibéricos e as consequências deste no seu estilo de colonização. O tema das origens da suposta especificidade da colonização portuguesa é retomado por Ana Paula Menino Avelar, na sua análise ao orientalismo nas obras sobre a Índia e o Brasil do explorador e agrônomo Antônio Lopes Mendes. Também relacionando-se com a temática do caráter excecional da colonização ibérica, o artigo de Mário Jorge da Motta Bastos debruça-se sobre as polémicas historiográficas em torno do papel do feudalismo na formação das sociedades latino-americanas, um tema especialmente desenvolvido pelo medievalista francês Jérôme Baschet. Dinah Papi Guimaraens, João Batista da Silva Porto Junior e Marina Vasconcellos de Carvalho fazem de seguida uma incursão pela arquitetura neomedievalista brasileira, focando-se num “castelo” neogótico erigido no Rio de Janeiro no século XX para desvendar os propósitos ideológicos por trás de tal escolha estética. Por fim, o *dossier* termina com uma outra abordagem ao tema das “heranças medievais” do Brasil, o artigo de Andréa Caselli dedicado à figura das sereias na arte, literatura e folclorística luso-brasileiras.

Além deste *dossier*, a *Práticas da História* 10 apresenta ainda um conjunto de textos que, não se inserindo diretamente no tema dos “medievalismos luso-tropicais”, remetem para questões relacionadas com o colonialismo ou com o medievalismo. O primeiro deles é um ensaio do historiador francês Michel Cahen no qual este faz uma reflexão a partir da sua experiência de trabalho com arquivos portugueses e moçambicanos. Segue-se a habitual secção de entrevistas, iniciando-se com a historiadora Vinita Damodaran que, numa conversa conduzida por Bárbara Direito e José Ferreira, faz uma resenha dos desenvolvimentos na história ambiental e da relação deste campo com a história imperial. Por fim, o presente número inclui uma resenha de Pedro Martins à obra

do medievalista italiano Tommaso di Carpegna Falconieri *The Militant Middle Ages: Contemporary Politics Between New Barbarians and Modern Crusaders*, versão inglesa recentemente editada pela Brill da sua obra de 2011 *Medioevo Militante: La politica di oggi alle prese con barbari e crociati*, centrada nos usos contemporâneos da Idade Média.

Editorial

Luso-tropical, Oriental, and Post-luso-tropical Medievalisms: Crossroads in the definition of the Portuguese Middle Ages as Brazil's past

Since its third issue (2016), the journal *Práticas da História* has devoted much attention to the question of the uses and representations of the Middle Ages – what several scholars have designated as medievalism. Prolific authors in this field such as Richard Utz, David Matthews, Valentin Groebner, Andrew B. R. Elliott and Tommaso di Carpegna Falconieri have used this publication to debate a host of topics related to medievalism, from the uses of the medieval past by European nationalisms to the relevance of the representations of the Middle Ages in so-called contemporary “popular culture”. However, the interest in medievalism is not merely a consequence of the thematic scope or personal preferences of the editors of this publication – in fact, it has been growing. Since its theoretical conception in the 1970s, studies on “medievalism” have raised a series of questions related not only to the problematization of the idea of the “Middle Ages”, but also to the diverse interpretations that have been made about this historical period since its conceptualization.

One of the questions that has received least attention, though recent academic works have been challenging this trend, is the relation between medievalism and colonial and post-colonial contexts. Au-

thors such as John N. Ganim, Louise D’Arcens and Nadia Altschul have reflected on this relation, particularly regarding topics such as the proximity between medievalism and “orientalism” or the relevance of medievalism in post-colonial societies such as Australia and Latin American countries. This reflection has shown, among other aspects, the close-knit intersection between the evocation of the Middle Ages and the advance of European imperialism under the guise of allegedly ethical values, in fields where this framework sits awkwardly, such as the conquest, domination, and conversion of populations to the Christian faith. From the point of view of social sciences, the medievalist perspective has also brought important theoretical contributions: post-colonial studies were challenged on their simplistic views about the Middle Ages; “orientalism” was given a more ancient past and a more complex history; the study of the idea of race gained historical depth. Finally, in recent years, the study of the academic and cultural conception of the Middle Ages as a founding moment of the European past for nineteenth-century nations has developed in a no less interesting direction – how the colonies of these nations, and the countries born from them, also invented a medieval past, and through it refused their non-European, pre-colonial origins. Even if that past was not always regarded positively – as was the case in certain Brazilian contexts –, only much more recently (and partially) did it begin to be interrogated as (another) imaginary past, allowing the integration of native peoples in the history of these countries.

Feeling the lack of a wider discussion of these questions and bearing in mind the privileged place that Portugal and Brazil occupy for a collaborative research on this topic – which is rarely contemplated by current academic medievalism in the Anglo-Saxon model –, we organized, through a partnership between the Instituto de Estudos Medievais (Institute of Medieval Studies) and the Instituto de História Contemporânea (Institute of Contemporary History), two events in the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas of Universidade Nova de Lisboa. The first was the exploratory seminar “Portugal como passado medieval do Brasil. Contextos culturais e políticos de um medievalismo

luso-tropical” (Portugal as Brazil’s medieval past. Cultural and political contexts of a luso-tropical medievalism), held on the 13th of April, 2018. The second was the international conference “Medievalismos luso-tropicais, orientais e pós-luso-tropicais: Encruzilhadas da definição da Idade Média portuguesa como passado do Brasil. C.1850-c.1980”, held between the 9th and the 10th of May, 2019. Though different in their ambitions, both events aimed to stimulate the debate on the role of the Middle Ages in the construction of Luso-Brazilian identities, specifically focusing on the relevance of the theses by Gilberto Freyre (1900-1987) on miscegenation as a distinctive trait of Portuguese culture – the so-called “lusotropicalism”. Both events had a strong participation of Portuguese and foreign – particularly Brazilian – scholars, who made several contributions on topics that were virtually or entirely unknown to us.

The present issue of *Práticas da História* contains, precisely, a dossier on the topic of “lusotropical, oriental and post-lusotropical medievalisms”. It assembles seven essays whose preliminary versions were presented in the two above-mentioned events. The first essay, by the historian Hilário Franco Júnior, questions, in a preliminary mode, the exclusivity of the Portuguese medieval origins of colonial Brazil, by examining the remaining influences of the European Middle Ages in the pamphlet *Viagem a São Saruê*, written by the Brazilian north-eastern poet and editor Manuel Camilo dos Santos. The following section of the dossier addresses the work of Gilberto Freyre more specifically. It begins with Marcos Cardão’s article on the so-called “lusotropical theory”, namely its study of the racially-mixed origins of Portuguese medieval society, and goes on to reflect on the importance, in Freyre’s writings, of the category of “cultural frontier” in the emergence of Brazilian society. The second text dealing specifically with the work of this Brazilian intellectual, authored by Pablo González-Velasco, focuses on Freyre’s medievalist and Renaissance influences and compares them with the discourses produced by contemporary authors who reflected on the allegedly exceptional character of the Iberian peoples and its impact on their style of colonization. The topic of the origins

of a supposed singularity of Portuguese colonization is resumed by Ana Paula Menino Avelar in her analysis of orientalism in the works about India and Brazil written by the explorer and agronomist António Lopes Mendes. Also on the theme of the alleged exceptional character of Iberian colonization, Mário Jorge da Motta Bastos's article focuses on the historiographical debates on the role of feudalism in the formation of Latin American societies, a topic studied in particular by the French medievalist Jérôme Baschet. Dinah Papi Guimaraens, João Baptista da Silva Porto Junior and Marina Vasconcellos de Carvalho make an incursion into Brazilian neomedievalist architecture, by examining a twentieth-century neogothic "castle" built in Rio de Janeiro in order to uncover the ideological purposes behind this aesthetic choice. The dossier concludes with another approach to the subject of "medieval influences" in Brazilian culture – Andréa Caselli's essay on the figure of the mermaid in Luso-Brazilian art, literature and folklore.

In addition to the dossier, *Práticas da História* 10 includes a set of texts which, while not directly associated with the topic of "lusotropical medievalisms", bear some relation to colonialism or medievalism. The first of these texts is an essay by the French historian Michel Cahen in which he reflects on his experience dealing with Portuguese and Mozambican archives. It is followed by the usual "interviews" section, starting with historian Vinita Damodaran, who, in conversation with Bárbara Direito and José Ferreira, reviews recent developments in Environmental History and its links to Imperial History. The issue concludes with Pedro Martins's review of the book *The Militant Middle Ages: Contemporary Politics Between New Barbarians and Modern Crusaders*, by the Italian medievalist Tommaso di Carpegna Falconieri. This is, in fact, the English version, recently published by Brill, of Carpegna Falconieri's 2011 work *Medioevo Militante: La politica di oggi alle prese con barbari e crociati*, which focuses on the contemporary uses of the Middle Ages.